

NOS LABIRINTOS DE UMA ESCRITA SOCIOTÉCNICA MAZES OF A SOCIOTECHNICAL WRITING

Dalila Floriani Petry¹

RESUMO

O fazer das ciências sociais é repleto de diferentes propostas e escolhas teórico-metodológicas. Uma dessas perspectivas tem uma preocupação particular com a escrita: a Teoria Ator-Rede (TAR). A primeira pista dessa preocupação apresenta-se no cuidado que a TAR procura ter com a escrita ao intentar descrições sociotécnicas. Neste artigo, procuro discutir como o pensar a escrita age nas propostas de escrita sociotécnica, sobretudo nas etnografias que tenham o esforço de fazer aparecer os atores (humanos e não humanos) em seus textos e que evitem armadilhas descritivas em que uma análise técnica justaponha uma análise social ou vice-versa. Para tanto, voltarei a algumas noções de base da Teoria Ator-Rede que concernem diretamente a esse debate sobre escrita sociotécnica.

Palavras-chave: Teoria Ator-Rede. Descrição sociotécnica. Escrita. Labirinto.

ABSTRACT

The making of the social sciences is full of different proposals and theoretical and methodological choices. One of these perspectives has a particular concern with writing: the Actor-Network Theory (ANT). The first clue to this concern is in the care that ANT seeks to have with writing when attempting sociotechnical descriptions. In this article, I try to discuss how writing thinking acts in sociotechnical writing proposals, especially in ethnographies that have the effort to bring actors (human and nonhuman) into their texts and avoid descriptive traps in which a technical analysis juxtaposes a social analysis or vice versa. Therefore, I will return to some basic notions of the Actor-Network Theory that directly concern this debate about sociotechnical writing.

Keywords: Actor-Network Theory. Sociotechnical description. Writing. Maze.

A escrita é um dos principais meios de exercício das nossas atividades nas ciências humanas que se inicia na formação e perdura por toda a vida profissional. Ela, a escrita, é um momento privilegiado de reflexão e discussão, pois perpassa

¹ Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (sob orientação do professor Dr. Theophilos Rifiotis) e doutoranda em Antropologia na Université Paris Ouest – Nanterre la Défense (sob orientação dos professores: Dra. Sophie Houdart e Dr. Philippe Erikson), integrante do GrupCiber – Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço.

todas as esferas do nosso *métier*. Está presente em nossas notas de aulas, conferências, em nossos resumos, projetos, propostas de pesquisas, em nossos diários de campo, em nosso diálogo com outros autores, em nossos ensaios e livros. O ato da escrita é, portanto, o momento de elaboração e reelaboração do nosso fazer, bem como o momento em que confrontamos teorias, dados, etnografias, nós mesmos e colocamos tudo em suspensão até repousarem no papel.

Essa atividade, apesar da sua inegável centralidade e importância em nossa área de atuação, muitas vezes torna-se invisível e automática. Nesse tornar-se automática, a escrita é olvidada como um elemento ativo em nossos trabalhos. Faz-se necessário lembrar que a escrita não é (por mais que pretendesse ser) neutra, ao contrário, as escolhas que parecem mais simples, como o tom narrativo, denunciam as opções metodológicas, o lugar de fala do autor e suas perspectivas teóricas. Desse modo, a escrita é sempre política e é preciso ter consciência dessa dimensão no seu exercício.

A escrita de textos acadêmicos é, ela mesma, recurso narrativo: *como* se diz importa tanto quanto *o que* se diz. Essas escolhas revelam-se no momento da leitura. Questões de estilo de escrita, por exemplo, fornecem pistas ao leitor sobre que tipo de texto se trata. Diferencia-se um texto etnográfico de um texto de um processo penal ou da explicação de um axioma matemático por suas marcas formais e de estilo. Porém, se voltarmos nossos olhos para o interior de uma única disciplina, reconheceremos textos diversos, marcados por diferenças fundamentais, tais como distintas perspectivas teórico-metodológicas.

Uma das perspectivas teórico-metodológicas que tem uma preocupação particular com a escrita é aquela inspirada pela Teoria Ator-Rede². A primeira pista dessa preocupação apresenta-se no cuidado da TAR com a escrita ao intentar descrições sociotécnicas. Neste artigo, portanto, procuro discutir propostas de escrita sociotécnica, mais especificamente, sobre etnografias que tenham o esforço de fazer aparecer os atores (tanto humanos quanto não humanos) em seus textos e que evitem armadilhas descritivas em que uma análise técnica justaponha uma

² Sobre a Teoria Ator-Rede, sugere-se Latour (2012), que apresenta uma introdução sistematizada da TAR. Como leitura de apoio, remeto-me ao texto de Jean Segata (2012), que apresenta uma bela resenha do livro de Latour.

análise social ou vice-versa³. Para tanto, é preciso voltar a algumas noções de base da Teoria Ator-Rede que concernem diretamente a esse debate sobre escrita sociotécnica.

A ESCRITA COLOCA(DA) EM SUSPENSÃO

Escrever é sempre uma atividade de esforço, seja o esforço da síntese, da descrição ou da discussão relacional. A escrita vem, ao contrário da idealização romântica da inspiração, de um longo e lento processo de composição, seleção, suspensão, hierarquização e organização de ideias, projetos, desejos. Muitas vezes, a escrita é também uma atividade solitária, e, ao não discutirmos/confrontarmos a sua dimensão processual, acabamos facilmente por percebê-la como automatizada (é claro que essa percepção relaciona-se à escrita dos *outros*, pois o próprio processo de escrita parece sempre muito mais complexo, difícil e moroso em comparação aos textos alheios⁴).

Ao apresentar o que considera como as *incertezas* que um estudioso inspirado pela Teoria Ator-Rede enfrenta – e assume – ao longo de sua pesquisa, Bruno Latour discute a escrita, ela mesma, como uma *incerteza*. Ao perguntar-se “o que é um relato?”, o autor responde que,

tipicamente, é um *texto*, uma folha de papel com alguns milímetros de espessura escurecida por um raio laser. Pode conter dez mil palavras e ser lido por pouquíssimas pessoas, talvez dez ou algumas centenas, com um pouco de sorte. Uma tese com cinquenta mil palavras será lida por meia dúzia (às vezes, até o orientador só lê algumas páginas!) – e quando digo “ler”, isso não significa exatamente “entender”, “pôr em prática” ou “reconhecer”, mas antes “folhear”, “lançar os olhos”, “aludir a”, “citar” ou “arquivar”. Na melhor das hipóteses, acrescentamos um relato a todos quantos são lançados simultaneamente no campo que estivermos estudando. Esse estudo, sem dúvida, nunca é completo. Começamos pelo meio das coisas, *in media res*, pressionados por colegas, forçados por bolsas de estudo, ávidos por dinheiro, atormentados por prazos

³ Conferir a discussão apresentada por Theophilos Rifiotis (2012), para quem as análises comumente se apresentam, nos estudos do campo da cibercultura, a partir de uma justaposição ou social ou do técnico.

⁴ É preciso ter em mente – principalmente nos cursos de formação inicial – que quando lemos um texto publicado, finalizado, ele é o “produto final” de um processo de estudo, pesquisa, escrita e reescrita.

finais. [...] Mesmo quando estamos no meio das coisas, de olhos e ouvidos bem abertos, não captamos tudo que aconteceu. Tomamos conhecimento de fatos cruciais no dia seguinte; eles ocorrem logo adiante, um minuto antes, depois que fomos embora cansados, com o gravador no mudo por falta de bateria. Ainda que trabalhemos diligentemente, nada melhora porque, após alguns meses, vemo-nos mergulhados num dilúvio de informações, reportagens, transcrições, tabelas, estatísticas e artigos. Como tirar alguma coisa com algum sentido dessa pilha de pastas que se acumula em nossa escrivaninha e desses disquetes cheios de dados? Lamentavelmente, o texto fica *por escrever* e é sempre adiado. Apodrece ali enquanto orientadores, patrocinadores e clientes esbravejam, enquanto amantes, esposas e filhos se irritam ao vê-lo chafurdar na lama escura dos dados a fim de trazer luz ao mundo. E quando você se põe a escrever de verdade, já contente consigo mesmo, tem de sacrificar enorme volume de informação que não caberá no pequeno número de páginas planejado (LATOURE, 2012, p. 181-182).

Ao se referir à escrita de maneira direta, e trazendo elementos cotidianos que, em geral, costumam ficar de fora dos textos acadêmicos, Latour faz um convite à reflexão epistemológica do processo de escrita. O autor apresenta uma definição sobre o relato com a qual muitos de nós podem se identificar, não sem certa relutância. Além disso, avança em sua argumentação afirmando que “trazer a feitura dos relatos para o primeiro plano talvez irrite aqueles que alegam conhecer a composição do social” (LATOURE, 2012, p. 183). Ou seja, discutir o próprio processo de escrita na escrita mesma pode parecer ineficiente, ou até mesmo “pouco científico”, para quem não esteja comprometido com e consciente do esforço de ensaiar uma escrita sociotécnica.

É preciso considerar que a escrita, ela mesma, sempre esteve presente, de uma forma ou de outra, nas ponderações sobre o fazer das ciências sociais. Entretanto, a discussão que estou propondo aqui é mais de fundo metodológico-epistemológico do que puramente metodológico. Ou seja, as escolhas narrativas representam mais do que simplesmente um *estilo de escrita*, mas o estilo adotado também informa sobre o texto, suas perspectivas e acepções teóricas. Mais especificamente, a partir de uma postura que considere a Teoria Ator-Rede, a construção do texto, a escolha das palavras, o tom narrativo-descritivo, a maneira que se permite, ou se se permite que os *atores ajam* ao longo dos relatos, tornam fundamentais.

A ETNOGRAFIA E O SOCIOTÉCNICO – OU UMA ETNOGRAFIA DO SOCIOTÉCNICO

A problematização da escrita etnográfica envolve processos epistemológicos que estão intimamente ligados com alguns dos debates correntes na antropologia. Desde as discussões ligadas à crise da representação, várias perspectivas teórico-metodológicas passaram a perceber a produção etnográfica sem uma função especular, ou seja, sem uma intenção direta de verossimilhança. A escrita etnográfica passa, então, a ser entendida como argumentação, como esforço literário, como construção de narrativas nas quais a seleção e a hierarquização dos elementos apresentados tornam-se evidentes. As questões relativas às limitações de focar múltiplos planos na escrita e as dificuldades de produzir textos polifônicos passam a integrar as discussões dos próprios textos – muitas vezes de maneira central. Na esteira das discussões epistemológicas concernentes à escrita antropológica, outras considerações também passam a integrar muitos dos debates atuais, tal como a postura de deixar claras as dimensões de que o conhecimento antropológico está ligado aos contextos de sua produção e que há a construção de uma autoridade etnográfica⁵.

Somada a essas considerações, uma escrita que se pretende sociotécnica possui ainda alguns outros elementos a serem problematizados, como, por exemplo, a pergunta que surge tantas vezes: como descrever os atores que estão *em ação*, tanto os humanos quanto os não humanos? Voltemos a Latour para perceber que

la principal dificultad para integrar la tecnología en la teoría social es la carencia de recurso narrativo. Sabemos cómo describir las relaciones humanas, sabemos cómo describir los mecanismos, frecuentemente intentamos alternar entre contexto y contenido para hablar acerca de la influencia que ejerce la tecnología en la sociedad o viceversa, pero todavía no somos expertos en tejer los dos recursos descriptivos em um todo integrado. Y es algo lamentable, puesto que, siempre que descubrimos una relación estable, es la introducción de algunos no-humanos lo que puede explicar esta duración relativa. La manera más productiva de crear nuevas

⁵ Cf. as discussões de James Clifford, em *Sobre a autoridade etnográfica*, publicado no Brasil em 1998.

narrativas há consistido em seguir el desarrollo de una innovación (LATOURE, 1998, p. 118).

De acordo com essa proposta, a maneira mais produtiva de criar novas narrativas é a partir da produção do social enquanto associações em movimento, ou seja, rastrear e descrever os fluxos, a produção das controvérsias, os atores *em ação*. Em outras palavras, a produção de uma etnografia *em ação* que não pressuponha o que ou quem age, mas, ao contrário, procure identificar a agência a partir das ações, de modo a perceber os atores como frutos das *redes* e não como categorias analíticas estabilizadas.

O desafio de uma etnografia que se aspira sociotécnica não é simplesmente afirmar hibridismos e denunciar dualidades, mas rastrear e descrever a produção do social a partir das associações (dinâmicas) dos atores⁶ *em ação*. Embora essa discussão seja, de certo modo, corrente na antropologia atual, não há noções metodológicas estabilizadas. Pelo contrário, a escrita de textos simétricos é, ela mesma, um lugar para experimentação ou, como afirma Latour (2012), o laboratório do cientista social. Ao perceber a escrita como uma das incertezas da TAR, Latour (2012, p. 180) afirma que a ideia é “trazer para o primeiro plano o próprio ato de compor relatos”, ou seja, a própria escrita deve ser refletida ao longo da escrita, afinal, ela, longe de ser automatizada, é uma construção eletiva. Nesse sentido, Strathern (2006, p. 47) expõe que

a exegese antropológica precisa ser tomada pelo que ela é: um esforço para criar um mundo paralelo ao mundo observado, através de um meio expressivo (o texto escrito) que estabelece suas próprias condições de inteligibilidade. A criatividade da linguagem escrita é, assim, tanto recurso como limitação. Por linguagem, incluo aqui as artes da narrativa, a estruturação de textos e tramas, e a maneira em que aquilo que é assim expresso chega sempre numa condição de algo acabado ou completo (holístico), já formado, uma espécie de composição. Decompor essas formas é algo que só pode ser feito através da mobilização de formas diferentes, de outras composições.

⁶ É importante destacar que, a partir das perspectivas da Teoria Ator-Rede (TAR), o significado de ator (e de agência) foi ampliado, e essa é uma das suas principais contribuições teórico-metodológicas. A ação deixa de ser considerada antropocentricamente, sendo estendida aos outros entes que povoam o mundo. Mais especificadamente, um ente (humano ou não humano) pode ser considerado ator, ou actante, quando age, quando produz diferenças, efeitos. Ou seja, um ente pode ser ator em um determinado momento e, em outros, não. O que constitui o ator é ação, ele não existe como repertório, ele existe no repertório das ações.

Fica claro, portanto, que a escrita é um processo importante e que deve ser reflexiva, uma vez que é o “produto final” do trabalho do cientista social. O que se propõe é o exercício de se repensar a escrita com o intuito de tornar possível a descrição sociotécnica, abandonando a centralidade da agência humana e colocando em suspensão todas as agências, sejam humanas, sejam não humanas.

Ainda no que tange à discussão da escrita como uma fonte de incerteza, Bruno Latour (2012, p. 189) define como um bom relato aquele que *tece uma rede*. Sendo a noção de *rede*⁷ muito importante para a TAR, o autor explica que, ao propor *tecer redes*, ele se refere

a uma série de ações em que cada participante é tratado como um mediador completo. Em palavras mais simples: um bom relato ANT [Actor-Network Theory] é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição na qual todos os atores *fazem alguma coisa* e não ficam apenas observando. Em vez de simplesmente transportar efeitos sem transformá-los, cada um dos pontos no texto pode se tornar uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma translação. Tão logo sejam tratados, não como intermediários, mas como mediadores, os atores tornam visível ao leitor o movimento do social. Assim, graças a inúmeras invenções textuais, o social pode se tornar de novo uma entidade circulante não mais composta dos velhos elementos que antes eram vistos como parte da sociedade. O texto, em nossa definição de ciência social, versa portanto sobre quanto atores o escritor consegue encarar como mediadores e sobre até que ponto logra realizar o social.

A *rede*, nesse sentido, não é um contexto no qual as relações acontecem e podem ser explicadas por estruturas preexistentes. Ou seja, a rede não se configura como uma entidade fixa e exterior, mas como fluxos, circulações, alianças nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferências. Em outras palavras, a *rede* não é uma estrutura pela qual os atores passam e agem, e sim o que se forma na relação/ação entre os atores. A partir da abordagem da TAR, trata-se, portanto, de enfatizar os agenciamentos, pois são os traços deixados por um agente em movimento que compõe a *rede*. A originalidade dessa noção é não reduzir a *rede* à ideia de vínculo, mas acentuar a ação, o trabalho de fabricação e transformação

⁷ Latour chama a atenção para a ambiguidade da palavra “rede”, que é empregada para designar muitas coisas, dentre elas a rede técnica (eletricidade, trens, internet etc.).

presente nas redes (FREIRE, 2006). Desse modo, a tarefa consiste em desdobrar os atores como redes de mediações.

A tarefa de desdobrar é entendida como o aumento do número de atores, a expansão do leque de agências que levam os atores a agir, a multiplicação da quantidade de objetos empenhados em estabilizar grupos e agências e o mapeamento das controvérsias em torno das questões de interesse. Ao rastrear as *redes*, não há uma lista predeterminada de atores e/ou agências, uma vez que

não se trata de atribuição de agência, muito menos de uma questão ontológica, mas de descrição/rastreamento de interações. O princípio está na distinção entre “mediador” e “intermediário”, ou seja, como um elemento (humano ou não humano) incide no curso de uma ação. Por essa razão, estou lendo rastrear conexões como uma tarefa tipicamente antropológica. A ação é o foco da atenção e não as entidades preconfiguradas. Agência não é determinação ou escolha, mas resultado da descrição de uma ação, de um processo, ou melhor, de um fluxo da ação (RIFIOTIS, 2012, p. 575).

Ou seja, para tal abordagem, também é essencial definir e diferenciar as noções de *intermediário* e *mediador*. No léxico da TAR, um *intermediário* é “aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los”, enquanto os *mediadores* “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOURE, 2012, p. 65). Em outras palavras, um *mediador* é o que *faz fazer*, no sentido de produzir diferenças⁸. Entretanto, é fundamental destacar que a noção de *intermediário* e *mediador* não é uma questão de escolha ou atribuição, depende dos fluxos, das ações e, sendo assim, um mesmo sujeito ou objeto pode ser tanto *intermediário* quanto *mediador* em pontos diferentes da rede.

Ainda em relação a essa distinção, Latour (2012, p. 820), em uma entrevista, ressalta que

la différence « médiateurs – intermédiaires » n'est pas une différence conceptuelle, parce qu'évidemment il n'y a que des médiateurs. Chaque élément qui est maintenant aligné a fait l'objet d'une invention, d'un brevet, d'une description, d'usine, etc. [...] Localement

⁸ Sobre a diferença entre *mediador* e *intermediário*, Latour apresenta um exemplo didático: um computador em perfeito funcionamento é um intermediário, no entanto, esse mesmo computador com problemas de funcionamento se torna um mediador, pois produz efeitos na relação, deixa de estar invisibilizado.

nous avons des alignements d'intermédiaires pour lesquels, en gros, c'est vraiment une boîte-noire. Mais pour obtenir ces effets intermédiaires, il faut qu'ailleurs une énorme quantité de médiation ait été déployée et maintenue.

Ou seja, não há nada além de *mediadores* porque a *mediação* é contingente, está relacionada às associações. Todos os entes podem ser *intermediários* ou *mediadores*, dependendo de como se colocam *em ação* ao longo das *redes*.

Tendo em vista tais perspectivas, a descrição das controvérsias apresenta-se como uma tarefa infundável e que pode abrir para incontáveis associações e um sem número de atores. Como textualizar tais circunstâncias, levando em conta toda e qualquer *ação*? Essa é uma tarefa impossível e infinita. É necessário, então, pensar estratégias a fim de interromper a narrativa. Ao se apropriar da metáfora “cortar”, no sentido atribuído por Jacques Derrida de perceber o corte como o modo no qual um fenômeno interrompe o fluxo de outros, Marilyn Strathern apresenta o que pode ser uma pista:

Para os euroamericanos, o desenvolvimento tecnológico oferece uma visão das formas mistas implicadas pela técnica (materiais não humanos modificados pela engenhosidade humana, ou disposições humanas moldadas por ferramentas). A imagética de rede oferece uma visão de análise social que vai tratar os itens sociais e tecnológicos da mesma forma; qualquer entidade ou material pode ser digna de atenção. Assim, ao invés de colocar questões sobre a relação entre a “ciência” e a “sociedade” no desenvolvimento de Pasteur da vacina do antraz, Latour sugere que devemos seguir o que Pasteur fez e do que sua invenção dependia. No entanto, o poder de tais redes analíticas é também o seu problema: teoricamente, elas não têm limites. Se *diversos* elementos fazem uma descrição, eles parecem tão extensíveis ou reduzidos quanto a análise é extensível ou reduzida. A análise parece ser capaz de levar em conta, e assim criar, qualquer número de formas novas. E alguém pode sempre descobrir redes dentro das redes; é uma lógica fractal que caracteriza qualquer comprimento como um múltiplo de outros comprimentos, ou um elo numa cadeia como uma cadeia de outros elos. Assim a análise, como a interpretação, precisa ter um ponto; precisa ser encenada como um ponto de chegada⁹.

Os pontos de chegada são, portanto, os pontos de inflexões nas *redes* ou, até mesmo, as controvérsias. Ou seja, a partir dessa prospectiva, a descrição deve se

⁹ STRATHERN, Marilyn. *Cortando a rede*, 2011.

centrar nos cortes das *redes*, nos pontos em que há coletivos *em ação*, de modo a produzir controvérsias¹⁰. Outrossim, ao centrarmos a descrição em cortes nos fluxos das *redes*, podemos também cortar – no sentido de interromper – as nossas descrições.

INSCREVENDO-SE NA ESCRITA

Parte fundamental da dimensão autorreflexiva da escrita etnográfica é a localização da produção das descrições. Afinal, ao adotar uma perspectiva que leve em conta a TAR, os processos de desenvolvimento e criação do trabalho são essenciais para localizar os pontos de vistas a partir dos quais se está narrando. Não se trata, conquanto, de elucidar *contextos* que expliquem ou justifiquem as narrativas apresentadas, mas de elucidar que a descrição é uma *fabricação*. Ou seja, diz respeito a levar em consideração as diferenças que Latour (2002) apresenta para *fato* (considerado como dado) e *feito* (considerado enquanto construção), sobretudo ao destacar que não existem *fatos*, apenas *artefatos*. Desse contexto acarreta a ideia de que o processo de fabricação dos pretensos *fatos* perde a invisibilidade e passa a ser parte essencial dos nossos trabalhos. Passamos a reconhecer, desse modo, que os *fatos* são, mais do que nunca, *feitos*¹¹.

É, pois, a partir dessa concepção que compreendo ser essencial problematizar na etnografia a produção dos dados, a entrada em campo e as condições de seu desenvolvimento. Afinal, essa postura teórico-metodológica, ao evidenciar esses processos, torna mais visível o estatuto de *fabricação/feitio* das descrições ao longo dos textos. Essa proposta configura-se, assim, não a partir da apresentação de um *contexto* que justifique ou explique os processos da pesquisa, mas adota como tarefa básica o método de problematizar algumas circunstâncias do desenvolvimento do trabalho a fim de localizar os pontos de partida (e os lugares

¹⁰ É fundamental, no entanto, manter em perspectiva e explicitar na escrita, que ao centrar a descrição em pontos da *rede* muitas outras associações deixam de estar no foco. Tal preceito reforça a dimensão da escrita como eletiva.

¹¹ Como exemplo desse processo, Latour lança a pergunta: “por onde andavam os micróbios antes de Pasteur?”. A partir dessa questão, o autor demonstra que, ao considerarmos os micróbios como *fatos*, negamos o seu processo de fabricação e temos a sensação de que eles sempre estiveram lá, exatamente da maneira como a ciência lhes apresentou (LATOURE, 2001).

dos quais se apresenta a narrativa) e, conseqüentemente, as escolhas e caminhos percorridos. Indo além, adota-se a postura permanente de que, no decorrer da pesquisa, não se está em um lugar de neutralidade. Afinal, como lembra Segata (2008, p. 5), “nossas pesquisas em antropologia não tratam simplesmente de relações sociais, mas [...] elas próprias são relações sociais”. Sendo a própria pesquisa uma *relação social*, é preciso problematizar as próprias ações, determinações ao longo do trabalho de campo, pois o pesquisador também *atua* produzindo modificações e associações. Não é, portanto, possível imaginar sob essa ótica uma observação *neutra* e que não influencie as experiências se por diversas vezes também nos constituímos enquanto atores e produzimos efeitos nas associações, a partir das nossas perguntas, através de acompanhamento ativo nos nossos trabalhos de campo ou pela nossa presença, por vezes silenciosa – mas nem por isso invisibilizada e neutra.

DO PROJETO DE PESQUISA À ESCRITA – OU DA FALHA ANUNCIADA

Uma pesquisa que eventualmente culminará em um texto costumeiramente se inicia com um projeto que apresenta a temática, os objetivos e as perspectivas teórico-metodológicas. Em geral, o projeto tem seu lugar como uma delimitação do escopo da pesquisa e serve como uma espécie de guia no decorrer da investigação, seja bibliográfica, seja de campo. Organizar um projeto de pesquisa possui grande utilidade, para além das formalidades ao longo de nossas formações e nas solicitações de financiamento, durante todo o desenvolvimento do trabalho. Entretanto, um projeto inspirado pela TAR apenas pode ser realmente útil se falho.

Explico-me.

Um projeto de pesquisa em ciências sociais tem, normalmente, a intenção de conhecer, perceber, descrever determinadas realidades. Se o projeto pôde prever exatamente todas as *redes*, *atores* e *associações*, das duas opções uma: ou ele não precisava ter sido desenvolvido ou foram ignorados aspectos que não haviam sido previstos de antemão. Ora, um projeto, tal como um mapa, serve como indicações de caminho, mas não como o caminho em si. É preciso seguir outras pistas que

levem a outras trilhas e assim estar atento e aberto para os imprevistos – que é o que nos permite rastrear e, depois, descrever outros *atores, redes e associações*.

Muitas vezes, ao fim da pesquisa, durante a escrita de relatórios, teses e artigos, o projeto ainda figura como uma espécie de guia para a textualização do trabalho. Tal postura pode ser interessante se o projeto servir a uma descrição sobre *atores, redes e associações* não previstos de antemão. Entretanto, se o projeto for utilizado como uma espécie de roteiro para a escrita final, ele estabiliza o que deveria ser o mais dinâmico possível: a descrição/narrativa, ela mesma.

Recuperando a bela metáfora que Tim Ingold (2015) apresenta no seu texto sobre educação, nossos projetos – e textos – devem ser mais labirintos do que dédalos. Afinal, não se anda em um dédalo por conta do que ele pode revelar ao longo de um caminho, mas porque permite – apesar das perdas de rumo – transitar de um ponto a outro. Em um dédalo há muitos caminhos possíveis, é certo, mas há sempre barreiras que obstruem qualquer visão que não seja a do caminho imediatamente à frente. Um projeto pode ser como um dédalo se ao longo da pesquisa ele não permitir perceber/descrever o que não estiver sido cimentado em seus objetivos. Para Ingold (2015, p. 25), “o trajeto de um dédalo pode ser representado como uma sequência estocástica de movimentos pontuada por momentos de uma decisão tomada previamente”.

Enquanto o dédalo fecha o mundo em si, o labirinto abre o mundo e todas as suas possibilidades, pois o labirinto não possui barreiras que bloqueiem a nossa visão. Ainda com base em Ingold (2015, p. 25), ao caminhar por um labirinto, “escolher não é uma questão. O caminho leva, e o caminhante deve ir para onde quer que ele o leve. Mas o caminho nem sempre é fácil de seguir”. Se seguirmos pensando em um projeto como um labirinto, teremos que abraçar a possibilidade de que, apesar de um ponto de partida, o próprio caminho da pesquisa nos leva a novos lugares, muitos não mapeados previamente. Para utilizar o vocabulário da TAR, um projeto mais como um labirinto e menos como um dédalo nos permitiria *seguir o fluxo das ações*.

DA ESCRITA COMO UM LABIRINTO

Inspirados pela TAR, precisamos considerar algumas encruzilhadas enfrentadas do início ao final de uma pesquisa. O percorrer do labirinto, que é a pesquisa, coloca-nos em estado permanente de atenção, pois é preciso sempre desconfiar, sempre tentar produzir uma autocrítica, uma vez que corremos sempre o risco de nunca sair do labirinto. Corremos sempre o risco de chegar ao final de nossas pesquisas e ter que considerar as ações ao longo do processo, tanto de pesquisa quanto de escrita. Corremos sempre o risco de, ao seguir o caminho à esquerda, perder o caminho da direita. Não se trata, no entanto, de apresentar pura e simplesmente justificativas para nossa guinada à esquerda, mas, sim, de problematizar a impossibilidade de seguir pelos dois caminhos.

Afinal, a partir da noção de fracasso metódico que Saéz (2011) apresenta, somente construímos nosso objeto ao final da pesquisa. Ao perceber o projeto de pesquisa como falho em si mesmo, a tarefa de estar atento a novas possibilidades que o trabalho de campo anuncia e de seguir atores que não haviam sido previstos fica menos complicada. Assumir o fracasso do projeto significa abandonar com mais facilidade as noções *standard* que levamos, mesmo sem perceber, na bagagem para a pesquisa e também para a escrita; significa estar disposto a seguir associações, fluxos, atores e controvérsias que são muito mais dinâmicos do que nossos projetos poderiam supor; significa permitir-se perder-se no labirinto e assumir que é no caminhar e no percorrer os caminhos que se mostra a proposta teórico-metodológica da TAR.

Tal postura ajuda a perceber as controvérsias, afinal, é uma postura voltada para a ação, para o que está em produção. A escrita, a partir dessas perspectivas, é deveras complicada, pois é difícil manter-se em uma perspectiva sociotécnica e evitar a fixação e a explicação das associações. É também uma tarefa árdua escolher as palavras ao se dedicar ao exercício da narrativa a partir dessas noções, uma vez que é preciso estar atento aos significantes atrelados a cada palavra, afinal, elas também têm agência e são, quiçá, os atores mais importantes ao longo de uma descrição etnográfica. Nessas escolhas, podemos seguir o conselho de Latour (2012): “de qualquer forma, não existe palavra boa, apenas uso sensível”.

Somente se torna realmente possível finalizar uma pesquisa ao fim da sua escrita. Apenas se pode sair do labirinto quando se chega ao fim. Ainda que o fim de um caminho represente o início de outros.

REFERÊNCIAS

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

FREIRE, Letícia Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 26, 2006.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, ano 21, n. 44, dez. 2015.

LATOURE, Bruno. C'est un truc complètement brésilien, l'acteur-réseau. Entrevista realizada por André Lemos. **Contemporânea / comunicação e cultura**, v. 10, n. 03, set.-dez. 2012.

LATOURE, Bruno. **Esperança de Pandora**. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001.

LATOURE, Bruno. La tecnología es la sociedad hecha para que dure. In: DOMÉNECH, Miquel; TIRADO, Franciso Javier (Org.). **Sociologia simétrica**: ensayo sobre ciencia, tecnología y sociedad. Barcelona: Gedisa, 1998.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: EDUFBA; Bauru: EDUSC, 2012.

LATOURE, Bruno. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru: EDUSC, 2002.

RIFIOTIS, Theophilos. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 12, n. 3, 2012.

SÁEZ, Oscar Calávia. O Lugar e o Tempo do Objeto Etnográfico. **Etnográfica**, v. 15, n. 3, out. 2011.

SEGATA, Jean. Entre Sujeitos: o ciberespaço e a ANT. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA, 2., São Paulo. **Anais...** 2008.

SEGATA, Jean. Resenha de: LATOURE, Bruno. Reagregando o Social. **Ilha**, v. 14, n. 2, jul./dez. 2012.

INTER-LEGERE

NOS LABIRINTOS DE UMA ESCRITA SOCIOTÉCNICA

Dalila Floriani Petry

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas. Editora da UNICAMP, 2006.